

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
LICENCIATURA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA**

HONORINA CONCEIÇÃO ROZENDO LOPES

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Três Cachoeiras
2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
LICENCIATURA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA**

HONORINA CONCEIÇÃO ROZENDO LOPES

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Carmem Zeli de Vargas Gil

Tutora: Alda Graciela Pereira

HONORINA CONCEIÇÃO ROZENDO LOPES

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Carmem Zeli de Vargas Gil
Tutora: Alda Graciela Pereira

Aprovado em ___/___/_____.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso: **A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, elaborado por Honorina Conceição Rozendo Lopes, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Nome e Titulação

Nome e Titulação

Nome e Titulação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^ª. Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia

– Licenciatura na modalidade à distância/PEAD:

Prof^ª. Rosane Aragón de Nevado e Prof^ª. Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho aos meus familiares,
para os quais quero ser um exemplo.

Dedico ao meu filho, Tauer Leônidas
Rozendo Lopes e ao meu esposo Luís
Viegas Lopes.

Agradeço a Deus por ter a Professora Nádie, que fez a grande diferença na minha história, como aluna.

Agradeço à Orientadora do Estágio, Professora Marie Jane e a Supervisora Hilda Jaqueline.

Agradeço à Tutora do Estágio e do TCC, Alda Graciela.

Agradeço a minha Orientadora do TCC, Carmem, pela paciência e dedicação.

A todas elas, agradeço pelo grau de exigência, que foi meu norte.

Agradeço à Direção e a toda Equipe da Escola Estadual de Ensino Fundamental Emílio Tarragô Assumpção, onde realizei meu Estágio e onde trabalho diariamente.

Agradeço a Marisete, por ter compartilhado comigo muitas angústias e dúvidas.

Agradeço à Professora Marina Raimundo da Silva, pela amizade, apoio e incentivo.

Agradeço a Loiva, quem mais me incentivou a fazer o Curso.

Agradeço a todos, que de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho e para o meu engrandecimento intelectual e afetivo.

Coração de estudante

Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor
Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora, cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê
Flor e fruto
Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração,
Juventude e fé.

Milton Nascimento

RESUMO

Trabalho realizado a partir do Estágio do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UFRGS, na Educação Infantil, período de 23/4 a 24/6/10, na Escola Emílio Tarragô Assumpção, Capão da Canoa, versando sobre a importância da afetividade na Educação Infantil. A história da autora tem afinidade com o tema. Particularmente e como aluna, buscou ajuda para superar dificuldades, construindo laços afetivos. Essas trocas fizeram com que situações pudessem ser mais facilmente superadas. Estas vivências fizeram ter um outro olhar para lidar com as pessoas e alunos. A Educação Infantil deve ser um continuar da vida familiar, ficando as crianças sob a guarda de educadores, que devem estar bem preparados para suas necessidades. Este estudo tem como questão a relação da afetividade com a capacidade de desenvolvimento das crianças. Os objetivos são demonstrar que o desenvolvimento cognitivo está intimamente relacionado com o desenvolvimento afetivo e o papel do educador nesse processo. Nas leituras de estudiosos e pensadores, que se dedicam, ou dedicaram, a estudar o comportamento infantil, especialmente na fase da Educação Infantil, aprende-se sobre a importância do desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças nessa fase. Os autores que fundamentam a investigação são Jean Piaget, Paulo Freire e Celso Antunes, defensores da autonomia do aluno no aprendizado e da afetividade nos processos cognitivos. Piaget defendia que a educação deve propiciar ao aluno ser criativo e o professor viabilizar os meios e que, na vida, afetividade e cognição estão associadas. Freire defendia a educação como prática da liberdade, despertar da consciência crítica, situando-se em tempo e espaço, capacidade de questionar formas de educação e aprendizagem. Para ele a escola deve basear o aprendizado no contexto social vivenciado pelo aluno para poder transformá-lo e o educador, deve ter amor pela sua profissão, e carinho por seus alunos. Para alcançar ou obter o conhecimento é preciso que a parte afetiva esteja em consonância. Para Antunes a Educação Infantil é a mais significativa de todas as etapas de aprendizagem escolar e a autoestima se constrói nos primeiros anos da criança, com ajuda de professores capacitados, preparados para atuarem. Defende o aprender brincando e através de jogos, permitindo à criança dar vazão à imaginação, fundamentar afetos e habilidades, desabrochando a cognição e a interação. As reflexões apresentadas apontam que afetividade é inerente ao ser humano e dela depende a capacidade de aprendizagem ou não de cada criança. Quanto ao Professor, deve ter vocação para o magistério, ser um mediador do processo cognitivo e não um transmissor de conhecimentos. Esta pesquisa qualitativa constitui-se estudo de caso, a partir da experiência do Estágio. Os dados foram construídos a partir do Relatório de Estágio, anotações no Diário, reflexões diárias e semanais, observações de aulas e bibliografia consultada. Cada manifestação afetiva tem seu tempo e lugar, como família e escola, sendo determinante da formação do ser humano. Como pedagogos, estudiosos e conhecedores dessa condição de necessidade afetiva na vida da criança, têm-se como obrigação profissional desenvolver planos de aula em que a educação integral seja realidade, transformando esse mundo para melhor.

Palavras-chave: afetividade, educação infantil, estágio.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>10</u>
<u>1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL - BASES</u> <u>TEÓRICAS.....</u>	<u>12</u>
<u>2 AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO.....</u>	<u>24</u>
<u>CONCLUSÕES.....</u>	<u>40</u>
<u>REFERÊNCIAS.....</u>	<u>44</u>
<u>GLOSSÁRIO</u>	<u>46</u>

INTRODUÇÃO

Nesta introdução ao meu trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, onde a abordagem é a afetividade na Educação Infantil, registro que minha história pessoal tem muita afinidade com o tema. Em certos momentos, de minha vida particular e como aluna, busquei ajuda para superar dificuldades e construir laços de afetividade. Essas trocas fizeram com que situações muito difíceis pudessem ser mais facilmente superadas. Estas vivências me fizeram ter um outro olhar para lidar com as pessoas e, mais recentemente, com os meus alunos. De tal forma que permearam as minhas práticas e se constituíram no tema inicial do meu trabalho: "A importância do vínculo afetivo na aprendizagem da Educação Infantil", depois estabelecido como "A importância da afetividade na Educação Infantil".

Este trabalho foi realizado com base na prática realizada na Escola, da qual sou funcionária, Auxiliar Administrativo, a partir das vivências do Estágio em sala de aula, realizado no período de 23/4/10 a 24/6/10, tendo como Orientadora a Professora Marie Jane, como Supervisora Hilda Jaqueline Fraga e como Tutora Alda Graciela Pereira.

O Estágio foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Emílio Tarragô Assumpção - EEEFETA, com sala cedida ao município para a Educação Infantil. A Escola é no Distrito de Arroio Teixeira, município de Capão da Canoa. É composta por sete salas de aula, biblioteca, secretaria, supervisão, direção, cozinha, refeitório, depósito, banheiros dos professores e dos alunos (feminino e masculino), sala de informática (com 20 computadores), praça de brinquedos e quadra de esportes (futebol e vôlei). Acolhe em torno de duzentos alunos, sendo que, em 2010, na Educação Infantil, o grupo inicial foi de oito alunos, passando, depois, para 15 crianças (10 de 4 anos e 5 de 5 anos), sob a responsabilidade de Professora titular com formação no Magistério e em formação neste mesmo curso de Pedagogia à distância, tendo ela feito seu Estágio na turma da 4ª série.

Em muitos momentos tive dúvidas e procurei ajuda junto à orientação do curso. Especialmente quanto a iniciar o ensino dos numerais ou não, em ensinar a escrever os nomes dos colegas ou não, quando eles ainda não sabiam escrever seus nomes. Através da orientação que busquei, optei por apresentar na sala de

aula as letras do alfabeto e os numerais, deixando disponíveis para eles, em painéis, e, na medida em que foram escrever seus nomes, ou as iniciais destes, identificavam as letras expostas. Também foi priorizado o ensino das formas geométricas, pois era possível através de brincadeiras.

A partir do meu Estágio na Educação Infantil, e por ser meu primeiro contato com crianças dentro de uma sala de aula, senti necessidade de saber mais sobre a afetividade e o quanto ela favorece no ensino/aprendizagem.

Sendo a afetividade um sentimento inerente ao ser humano, o educador necessita contemplar, em sua formação, também estudos sobre como educar de forma afetiva. A empatia é parte desse processo e ajuda na construção de laços afetivos. Pode acontecer no contato físico, exemplificando um abraço, um beijo no rosto, sendo que a aprendizagem ocorre mais facilmente quando existe empatia entre professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno.

O presente estudo teórico foi realizado através da pesquisa qualitativa, que se caracteriza pela análise bibliográfica, a partir dos autores Jean Piaget, Paulo Freire, Celso Antunes, Henri Wallon, Lev Vygotsky e outros, e das minhas experiências, através da minha vivência pessoal e durante meu Estágio curricular.

Este trabalho está organizado em capítulos. No primeiro, encontra-se a revisão da literatura e a posição dos autores em relação ao tema escolhido, que é a importância da afetividade na Educação Infantil. No segundo, procuro explicar minha experiência e reflexões em relação ao tema, a partir de algumas vivências no Estágio do Curso de Licenciatura em Pedagogia, dialogando com os autores estudados.

1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL - BASES TEÓRICAS

Os autores que orientaram o meu cotidiano como Professora são Jean Piaget e Paulo Freire. No transcurso do desenvolvimento do Estágio e da confecção deste trabalho, houve a influência de outros teóricos, como Henri Wallon, Lev Vygotsky, Celso Antunes.

Em relação ao conceito de afetividade, define-se, conforme o dicionário Aurélio, como:

Qualidade ou caráter de afetivo e conjunto de fenômenos psíquicos, que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. (FERREIRA, 1975, 44)

Também, define-se afeto, segundo o dicionário Aurélio, como afeição, simpatia, amizade, amor, sentimento, paixão. O elemento básico da afetividade. Ainda acrescenta-se, como definição de afeto e afetividade, a atenção, o carinho, o respeitar o outro, o acolhimento.

Yves de La Taille, assim se manifesta sobre afetividade:

Quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma "energia", portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão está a seu serviço. (TAILLE, 1992, p. 65)

Para Wallon, citado por Heloysa Dantas:

Na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Ambos se iniciam num período que ele denomina impulsivo-emocional e se estende ao longo do primeiro ano da vida. Neste momento a afetividade reduz-se praticamente às manifestações fisiológicas da emoção, que constitui, portanto, o ponto de partida do psiquismo. (TAILLE, 1992, p. 85)

Também para Wallon (2007, p. 90), “[...] o primeiro comportamento psíquico da criança é do tipo afetivo [...]”, assim, conforme ele se manifesta, a afetividade da criança se diferencia da afetividade do adulto, sendo, inicialmente, necessária a troca, a presença do outro, em “manifestações somáticas e pura emoção”, depois, com a “função simbólica”, e pelo desenvolvimento da linguagem, incorpora-se a “nutrição afetiva”, através do “toque e da entonação da voz”, acrescentando: “[...] em educação, pode ser pensado como uma forma muito requintada de comunicação afetiva” e concluindo assim:

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. (TAILLE, 1992, p. 90)

Ainda, para Wallon, o desenvolvimento da afetividade será para toda a vida, ligada ao conhecimento, numa sucessão de acrescentar e acrescentar, conforme assim define:

A partir daí, a história da construção da pessoa será constituída por uma sucessão pendular de momentos predominantemente afetivos ou predominantemente cognitivos, não paralelos, mas integrados. Cada novo momento terá incorporado as aquisições feitas no nível anterior, ou seja, na outra dimensão. Isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa. (TAILLE, 199, p.90)

O suíço Jean Piaget (PIAGET, ...2010), para o qual “O principal objetivo da educação é criar indivíduos capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.”, tinha formação em Biologia e Filosofia, destacou-se como pesquisador e pensador, especializou-se em psicologia, revolucionando a educação. Lecionou psicologia infantil na Universidade de Genebra. Para ele o professor não deve apenas ensinar, mas orientar para que os alunos aprendam com autonomia. Seus principais livros são “A Linguagem e o Pensamento na Criança” (1923) e “O Juízo e o Raciocínio na Criança” (1924).

Ele estudou “a evolução do pensamento desde o nascimento até a adolescência, procurando entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para captar o mundo”, constatando que o ser humano passa por diversas etapas

evolutivas, pensando e agindo diferente em cada uma delas, sendo de uma forma quando criança, de outra quando adolescente e de outra quando adulto.

O ponto de partida dos estudos de Piaget foram seus três filhos e outras crianças que observou, concluindo que as crianças não pensam como os adultos. Também fizeram parte de seus estudos crianças portadoras de necessidades especiais (excepcionais). Ele separa em aprendizagem e desenvolvimento o processo cognitivo inteligente. A aprendizagem “refere-se à aquisição de uma resposta particular, aprendida em função da experiência, obtida de forma sistemática ou não”. O desenvolvimento seria uma “aprendizagem de fato”, sendo este o responsável pela formação dos conhecimentos.

Piaget, na sua teoria sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, define 4 estágios (estádios ou fases) que são o Sensório-motor (0 – 2 anos), o Pré-operatório, ou Pré-operacional (2 – 6 ou 7 anos), o de Operações concretas (7 – 11 ou 12 anos) e o estágio das Operações formais (a partir dos 12 anos). Ainda para Piaget: “As estruturas operatórias da inteligência não são inatas” (PIAGET, ...2010).

Desses quatro estágios, em que Piaget divide o desenvolvimento intelectual cognitivo, nos interessa para esse trabalho, especialmente, o segundo, pois é nessa fase que a criança ingressa na Educação Infantil, trazendo já as características do 1º estágio, o sensório-motor, vivenciada junto à família.

O principal progresso desse período, em relação ao 1º, em que a criança percebe o ambiente e age sobre ele, é o desenvolvimento da capacidade simbólica. No 2º estágio, pré-operatório, a criança começa a usar símbolos mentais - imagens ou palavras - que representam objetos que não estão presentes e desenvolve a linguagem, que passa a ter importante papel no seu desenvolvimento. Através da linguagem a criança passa a ter uma ferramenta para demonstração de suas emoções, de sua afetividade. Através da linguagem a criança pode manifestar agrado, desagrado, alegria, pode concordar, discordar, e, especialmente, argumentar e questionar.

A criança, nessa fase, segundo Piaget, apresenta características específicas: egocentrismo (incapacidade de se colocar no ponto de vista do outro); centralização (a criança não relaciona entre si os diferentes aspectos ou dimensões de uma situação); animismo (atribui vida aos objetos); realismo nominal (pensa que o nome faz parte do objeto).

Para Piaget, citado por (TAILLE, 1992, p. 49) “a evolução da prática e da consciência da regra pode ser dividida em três etapas”: “anomia, heteronomia e autonomia”. Para este estudo interessa, em especial, a faixa etária das crianças da Educação Infantil, a primeira, a anomia, em que crianças de até cinco, seis anos de idade não seguem regras coletivas. Na heteronomia, crianças de nove, dez anos, têm interesse em participar de atividades coletivas e regradas. A autonomia corresponde à concepção adulta do jogo, pela criança.

Ao ingressar na Educação Infantil a criança passa a ser tutelada por outro adulto, que não é o seu pai ou a sua mãe, que não é do seu convívio habitual, bem como passa a conviver com diversas outras crianças, que também não são do seu convívio habitual. E passará ao convívio regrado, sendo que a característica dessa idade é não seguir regras, o que desencadeia um desafio para o educador, passar pela etapa da anomia com esta criança, preparando-a para a etapa seguinte. É nesse ambiente novo que as características específicas dessa fase serão trabalhadas, permitindo a convivência e preparando essas crianças para o mundo, de forma a demonstrarem suas emoções, mas também a controlá-las. Da parte do educador é preciso entender as emoções das crianças, percebendo a afetividade presente em cada manifestação. Também o educador precisa perceber as oportunidades, as ocasiões, para inserir novas práticas de aprendizagem, inserir regras, de acordo com o ritmo apresentado pelas crianças, razão de ser da Educação Infantil e para as quais nos preparamos como pedagogos.

Outros estudiosos, como Vygotsky, Wallon, refizeram os passos de Piaget e constataram que suas teorias tinham fundamento, tornando-o um importante referencial na área da psicologia educacional infantil.

Segundo Seber (1997, 217), Piaget afirma: “vida afetiva e vida cognitiva são pois inseparáveis, embora distintas”, o que ela completa:

Em síntese, toda conduta tem um aspecto estrutural, ou cognitivo, e um aspecto afetivo, e um não funciona sem o outro. Assim como a afetividade pode ser a causa de acelerações ou atrasos no desenvolvimento das estruturas, o inverso também acontece. (SEBER, 1997, p. 217)

Estas assertivas por si só justificam o tema deste trabalho. São o ponto de partida para este estudo, em que quero mostrar a importância da afetividade na Educação Infantil. Cada criança é única, tem sua história, sua bagagem, e, por que

não dizer, tem seu “passado”. Mas as práticas muitas vezes são diferentes, têm professores sisudos, autoritários, que fazem do magistério um exercício de poder, onde, sob sua égide, estão pequenos e indefesos seres, e ali exercem sua tirania, aniquilando com seus alunos, criando um ambiente onde não tem “vida afetiva e vida cognitiva”, com ínfimas possibilidades de assimilação de conhecimentos, com imposição da autoridade daquele que deveria ser o educador, exercendo poder sobre os alunos, impondo conteúdos, comportamentos, limitações, pouco oferecendo ao educando em termos de desenvolvimento cognitivo e afetivo.

É a partir daquilo que a criança traz consigo que se tem o ponto de partida para a “vida afetiva e vida cognitiva”, para que possam ser exploradas e desenvolvidas com harmonia. Cada criança tem um talento, uma aptidão, ou predisposição a tal, e precisa ser incentivada, elogiada, precisa ter sua autoestima fortalecida, para que incorpore novas descobertas.

E para que isso aconteça estamos falando de educadores/professores, amorosos, afetivos, dedicados, profissionais. O professor educador que tem por missão oportunizar descobertas e viabilizar conhecimentos a educandos que estão ávidos em ampliar seus mundos infantis, através da assimilação de conhecimentos, em clima de harmonia e alegria, ainda que com disciplina e ordem, onde prevalecem valores éticos e morais. Não podemos mais tolerar professores que não estejam comprometidos, que tenham atuação autoritária, e Seber diz que:

O relacionamento coercitivo repercute como uma dupla submissão frente à autoridade do professor. Ele é aquele que pode [...] dar castigos. Ora, não é sem razão que elas o temem. Mas o professor é também aquele que tem condições de reprovar, dar nota baixa. Assim, é preciso acatar as suas ordens. Importa saber repetir exatamente aquelas respostas que ele considera como corretas, pois a própria opinião não tem qualquer validade. As crianças sentem receio de discordar do professor. (SEBER, 1997, p. 219)

E a afetividade não fica só no âmbito das relações pessoais entre a criança e o professor, entre o professor e as crianças e entre as crianças. O universo é maior, incluindo a família e a comunidade. Também a afetividade se revela em relação a objetos, sendo, portanto, muito mais abrangente do que se vê em um primeiro olhar.

A frase: “sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*” (FREIRE, 1996, p. 33), é do brasileiro, nascido

em Recife, Paulo Freire (1921-1997), educador e filósofo, que se dedicou a estudos e práticas na educação popular, objetivando o desenvolvimento da consciência crítica, através da percepção do mundo. Na sua formação também inclui o curso de Direito, concluído na Universidade do Recife, mas não exerceu a advocacia.

Dedicou-se aos estudos da filosofia da linguagem, trabalhou como professor e alfabetizador e das suas experiências passou a escrever, tornando-se o notável pensador e escritor mundialmente conhecido e respeitado pelo seu trabalho, que influenciou o movimento chamado pedagogia crítica.

Suas influências vão além de pedagogos e cientistas sociais, alcançando militantes políticos, em geral de esquerda, dado o alcance de suas idéias, estudos e teorias.

Exilado em 1964, foi para a Bolívia e Chile, tendo morado em países da América Latina, Europa e África. Voltou ao Brasil em 1980 e, entre outras realizações, é sua a criação do programa público Movimento de Alfabetização – MOVA, para jovens e adultos, hoje denominado Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Entre suas inúmeras obras destacam-se: Educação como prática da liberdade, Pedagogia do oprimido, Pedagogia da autonomia e Pedagogia da indignação.

O Instituto Paulo Freire foi fundado em São Paulo, em 1991, quando ele ainda estava vivo, para dar continuidade e reinventar o seu legado, prestigiando sua dedicação à educação através do estudo de suas ideias, que, ao mesmo tempo em que se preocupava com a alfabetização, trabalhava a conscientização política.

Doutor Honoris Causa por 27 universidades, ele recebeu, entre outros prêmios: Educação para a Paz, das Nações Unidas, em 1986 e Educador dos Continentes, da Organização dos Estados Americanos, em 1992.

Para Paulo Freire a escola deveria possibilitar ao aluno "ler o mundo" a partir de suas vivências e dessa forma poder transformá-lo, deveria o aluno ser agente ativo do aprendizado. Ele defendia a educação como prática da liberdade. E questionava: "por que não estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?" (FREIRE, 1996, p. 15), dessa forma as vivências das crianças fazem parte do mundo escolar, não há ruptura no seu aprendizado, acrescenta-se, a escola passa a ser a continuação de sua casa, o elo emocional que traz de família se

amplia, através dos colegas e professores. Ele ainda nos instiga quando afirma: “o educador que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica.” (FREIRE, 1996, p. 24) É profunda essa afirmação, a curiosidade e a aventura permitem à criança mostrar-se, dar-se forma, assumir sua identidade, permitem mostrar suas emoções, sentimentos e afetos.

Aprendizados e experiências da infância são levados pelo ser humano para toda a vida, são marcas indelévels, que determinam atitudes, procedimentos, sentimentos, mesmo que, na idade adulta, a pessoa pouco se lembre da sua infância. Apesar de esquecer muitas experiências e vivências, elas influenciam na postura, atitude, pensamento, sentimento. Muitos adolescentes e adultos apresentam “cicatrizes” de suas vivências escolares negativas, e isso se reflete em seus relacionamentos, em sua forma de agir perante as situações que o mundo apresenta.

Destaca-se, ainda, a afirmação de Freire, quanto ao educando e sua identidade:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p. 26)

Seus trabalhos são de suma importância na formação de educadores e professores, sendo ele um dos poucos pedagogos estudiosos e teóricos, pois muitos são oriundos da área médica, psicologia, teologia, sociologia.

Despertar a consciência crítica, situar-se em tempo e espaço, ser capaz de questionar formas de educação e aprendizagem, são algumas das propostas deste autor de tantos livros e artigos que se consagrou mundialmente por suas idéias e posturas:

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, à coragem de querer bem aos educadores e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não

significa, na verdade, que porque professor, me obrigo a querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (FREIRE, 1996, p. 52)

Aborda Paulo Freire que o professor, o educador, que tem amor pela sua profissão, por consequência terá, no mínimo, carinho por seus alunos. Destaca que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”, pois para alcançar ou obter o conhecimento é preciso que o emocional, que a parte afetiva esteja em consonância. O professor deve trabalhar com a parte afetiva dos seus alunos para obter resultados cognitivos. Para ele o educador deve ser amoroso ou ter amorosidade e dedicar-se ao educando além daquilo que é a aula, mas sem prejudicar a aula.

Paulo Freire também diferencia, a meu ver, ser sério de ter seriedade, pois quem tem seriedade não precisa, necessariamente, ser sério, pode um professor que tem seriedade ser alegre. E ser alegre com seriedade é característica de quem tem amorosidade, além da capacidade profissional, como afirma a seguir:

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (FREIRE, 1996, p. 53)

Edna Castro de Oliveira, que prefacia a obra de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia* (1996), de forma muito apropriada afirma:

A competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desvalados. É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças. (FREIRE, 1996, p. 7).

Essa amorosidade a que ela se refere, traduz-se por afetividade. Paulo Freire se diz repetitivo, ao longo de suas escritas e livros, mas, nas questões que envolvem os educandos, o objetivo sempre é a humanização das relações, bem como o despertar para uma nova realidade, que, mesmo tão falada, tão estudada, é tão difícil de tornar-se realidade corrente.

O interessante dos estudos de Paulo Freire, que desperta sobremaneira nosso interesse, é que ele era um de nós, um professor falando para outros professores, um pai professor, falando para pais e professores, um estudioso, falando para nós, que nos iniciamos, ou damos continuidade, nessa difícil empreitada de sermos educadores, professores:

[...] É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento. Mas é preciso, sublime, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos. (FREIRE, 1996, p. 53)

A relação entre os seres humanos, enfaticamente destacada por Paulo Freire, é de reconhecer a si mesmo no outro, de desenvolver uma sociedade igualitária, e essa é nossa missão como educadores. E, como responsáveis por alunos da Educação Infantil, despertar neles o amor, a afetividade, de uns pelos outros, de forma a se verem como iguais como cidadãos, detentores dos mesmos direitos e deveres, ainda que se reconheçam diferentes. Nessa fase, é necessária uma linguagem apropriada, é necessário o uso de brincadeiras e jogos, com o objetivo de inserir a realidade no cotidiano da Educação Infantil, partindo das vivências das crianças, do ensinar a partir daquilo que interessa a eles, a partir do que eles conhecem.

Para Paulo Freire (1996, p. 12) “não há docência sem discência”, isto é, não há professor sem aluno, não há educador sem educando, um não é “objeto do outro”, e sim os dois se complementam. Quem ensina sempre tem o que aprender, quem aprende sempre tem o que ensinar, pois as bagagens de vivências não são

iguais, e havendo diferenças sempre há o que complementar, sempre há o que aprender e ensinar.

No curso aprendi que devemos ter um planejamento, flexível, podendo se improvisar para seguir o que está interessando aos alunos, fazendo com que o aluno possa exercer sua cidadania plenamente, também ensinando o que sabe.

Sabidamente nos dizia Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia*, que “aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (FREIRE, 1996, p. 12/13). Tenho plena consciência de que sou um ser em formação, assim como meus alunos da Educação Infantil, ao mesmo tempo em que sou educadora e oportunizo conhecimento, estou aprendendo com eles, em cada nova experiência.

Destaca-se outro estudioso e pensador, Celso Antunes, psicopedagogo, professor de Geografia, alfabetizador, jornalista, poeta, escritor, palestrante. Mestre em Ciências Humanas e especialista em inteligência e cognição, esse paulista nasceu em 1937 e tem mais de 150 livros publicados e traduzidos para outras línguas. É reconhecido nacional e internacionalmente. Diretor de escolas e professor do ensino fundamental e médio e de universidade, membro consultor da Associação Internacional pelos Direitos da Criança Brincar, com o reconhecimento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. É dele a máxima:

[...] Segundo o que hoje se conhece sobre a mente humana, e bastante já se conhece, não podemos duvidar que a educação infantil é tudo e o resto é quase nada e, portanto, não se justifica rotular de “pré” a fase incontestavelmente mais significativa da escolaridade humana. (ANTUNES, 2004, p. 41)

Outra importante contribuição dele:

[...] é natural que se pergunte “o que” ensinar para crianças de três a seis anos. Pelo menos, essa ansiedade possui uma vantagem: é melhor saber que existe “coisas a ensinar” que a preconceituosa idéia de que crianças somente aprendem após os seis anos e, desta forma, a tarefa essencial da educação infantil é cuidar e recrear. (ANTUNES, 2004, p. 44)

Para Celso Antunes “brincando a criança desenvolve a imaginação, fundamenta afetos, explora habilidades e, na medida em que assume múltiplos papéis, fecunda competências cognitivas e interativas.” E ainda afirma:

Brincar favorece a auto-estima, a interação com seus pares e, sobretudo, a linguagem interrogativa, propiciando situações de aprendizagem que desafiam seus saberes estabelecidos e destes fazem elementos para novos esquemas de cognição. (ANTUNES, 2004, p. 32)

O aprender brincando, o aprender através de jogos, é recente. Muitos de nós, educadores, não tivemos em nossas infâncias o incentivo ou a oportunidade de aprender brincando ou jogando. Brincar era brincar. Jogar era jogar. Aprender era estudar. Aprender era copiar. Aprender era escrever. E escrever muito, às vezes até como forma de castigo.

A Educação Infantil é (ou deveria ser) transformadora: a criança expande seus horizontes, sai do casulo e insere-se no contexto do mundo. A responsabilidade do educador é imensa, devendo estar preparado, em constante aprimoramento de seus conhecimentos sobre a natureza humana, em especial sobre a mente e o comportamento infantil, acompanhando as evoluções da ciência e inteirando-se do que já foi descoberto e estudado.

A importância da Educação Infantil, e do professor na educação, se retrata em uma passagem de Feijó, transcrita a seguir:

[...] Certa vez, numa conferência, eu disse a frase: “Todos os professores das séries iniciais e, mesmo, do Jardim e Pré-escola, deveriam ser Ph.D. em Educação Infantil”, para reforçar o conceito da importância da educação com qualidade nos primeiros anos de vida, ao contrário do que se vê em muitas escolas e creches, nas quais as crianças menores são cuidadas por jovens assalariadas e, muitas vezes, sem o mínimo preparo, tanto pedagógico como psicológico e relacional, justamente no momento em que as crianças mais precisam de especialistas. (FEIJÓ, 2008, p. 67)

O professor precisa se apropriar dessa assertiva de Feijó, de forma a valorizar-se e, por consequência, vir a ser valorizado pela necessidade de seu trabalho e qualificação que precisa ter.

O professor deve preocupar-se com este ser em formação, pois como educador age diretamente sobre os educandos. Eles, na mesma situação, com suas diferenças pessoais, onde existem muitos sentimentos envolvidos, precisam contar com orientação. E o professor deve mediar para que eles desenvolvam sentimentos bons, como a afetividade, desta forma influenciando positivamente, fazendo com que ocorra o aprendizado sem traumas.

A criança, na Educação Infantil, precisa se sentir acolhida, bem recebida, valorizada em suas peculiaridades, integrada ao grupo a partir de suas semelhanças. E é esse o papel do educador, acolher a criança, intermediar os relacionamentos, propiciar a liberdade de expressão, estabelecer regras de convivência, oferecer estímulos para o desenvolvimento cognitivo das crianças que estão sob a sua guarda por um período determinado e estar sempre pronto a recomeçar, a reinventar, a criar, permitindo que as crianças também o façam. E deve o educador estar preparado para se desvincular de um grupo de alunos para se vincular a outro, e a outro, pois o processo é contínuo e as crianças vêm, vão e vêm outras, sendo que o “apego” afetivo do professor com o aluno, e vice-versa, deve ser administrado, preparando-se para a troca de professor e troca de alunos.

Quanto maior o relacionamento afetivo mais difícil é essa separação, que deve ser trabalhada durante todo o período escolar. E também para que as crianças não se apeguem em demasia ao professor é importante a participação de outras pessoas no processo educacional, pois a Educação Infantil não se concebe em um ambiente onde interagem somente as crianças e o educador, mas sim em um contexto maior, onde os pais participam, onde outros familiares também participam, como avós, irmãos, tios, onde se buscam convidados interessantes, como artistas, escritores, pintores, músicos, atletas e outros. Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalece a autoestima e amplia as possibilidades de comunicação e interação social.

2 AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO

Reitero o aprendido, no Curso de Pedagogia, que se deve ter um planejamento, flexível, para aproveitar o que está interessando aos alunos, aproveitando as oportunidades positivamente, fazendo com que o aluno possa desenvolver sua afetividade e cognição, exercendo sua cidadania plenamente, aprendendo e também ensinando o que sabe. Em muitos momentos saímos do planejamento e improvisamos ou adaptamos, por termos o necessário na sala de aula para abordar o assunto em questão, isto é, o ser humano com suas especificidades e a oportunidade.

Ainda quanto a improvisar, essa não deve ser uma prática constante, pois devemos ter uma estrutura básica, que nos conduza ao que Antunes (2004, p. 56) diz “uma boa educação infantil [...] não deve ser feita a partir de elementos experimentais isolados, mas tomando como referência um *sólido suporte teórico como fundamento que estructure toda prática*”.

Celso Antunes (2004, p. 67) afirma que “bebezinhos separados da mãe logo após o nascimento crescem, muitas vezes, sofrendo de uma síndrome conhecida como “privação materna” e em consequência revelam maturidade mental, emocional e até mesmo física mais lenta”, e se tem a certeza de que a afetividade é primordial desde os primeiros momentos de vida, ou até da concepção, cada manifestação afetiva tem seu tempo e tem seu lugar, como a família, a escola, sendo determinante de toda a formação de cada ser humano, e nós, da Educação Infantil, como pedagogos que somos, como estudiosos e conhecedores dessa condição de necessidade afetiva na vida da criança, temos como obrigação profissional desenvolver planos de aula em que a educação integral seja realidade. Nosso papel é de extrema responsabilidade na transformação desse mundo para melhor.

O educador “molda” as crianças, interfere na sua formação física e mental, então a forma de liberar a afetividade, de demonstrá-la, ou mesmo despertar a conscientização, por parte das crianças, ao desenvolver a afetividade, na Educação Infantil deve ser prioridade do educador. Mas não é isso que se vê! Nem todo o professor da Educação Infantil está preparado, está disposto a dar tanto de si, de se entregar de tal forma ao educando.

Quanto mais se estuda, quanto mais se lê, quanto mais se aprofunda em conhecimentos da importância da Educação Infantil, mais certeza se tem de que é preciso uma revolução na educação, é preciso uma transformação na maneira de pensar e de agir. Não é só colocar no papel e no discurso, é preciso a prática, é preciso passar à ação, para que haja, inclusive e especialmente, a consciência e a certeza de que o profissional da Educação Infantil precisa tanto ou mais qualificações do que um professor com graduação. Para dar aulas em faculdades e universidades as exigências são de mestrado e doutorado, o que deveria se exigir também para a Educação Infantil, além da aptidão e amorosidade indispensável para lidar com crianças. O professor precisa fazer a diferença, estimular os alunos, de forma que eles se apropriem do conhecimento.

As crianças que ingressam na Educação Infantil tem o mesmo perfil ano a ano. Estão prontas para aprender. Então, para que haja uma mudança na educação é preciso preparar a escola para essas crianças. E preparar os professores para atuarem como transformadores, não só das crianças, mas do mundo, criando oportunidades, preparando e planejando aulas produtivas, que permitam ao aluno crescer como pessoa dotada de inteligência, em uma ou outra área, explorando as capacidades das crianças, de forma a ser a criança a razão de ser da escola e, por consequência, do professor.

O professor deve atuar como um líder positivo, que determina as regras e o caminho a percorrer, mas atento às possibilidades apresentadas e oportunidades que reforcem o rumo a seguir, dando segurança ao aluno em segui-lo, sendo um exemplo, estimulando e desafiando para novas conquistas. É através do professor mediador que o aluno vai se apropriar do saber.

As crianças, como observado no Estágio, se desenvolvem de diversas formas, inclusive ao brincar e jogar. Aprendem pintando, recortando, dobrando, colando, montando. Coisas simples, possíveis para qualquer escola e qualquer classe social, como água, barro, argila, terra, caixa, papel, revista, jornal, pano, linha, lã, carretel, cone de papel higiênico, fósforos usados, canudos de refrigerante, palitos de picolé, objetos que produzam som, tampinhas de garrafas, corda, bola (até de papel), música, canto, dança, alimentos, folhas, flores e elementos que o ambiente propicie. A partir desses materiais é possível construir um plano de aprendizagem onde as crianças interagem, desenvolvem sua afetividade, como nos diz Antunes:

Deve haver cuidado especial em despertar na criança a curiosidade para observar e descobrir semelhanças e diferenças entre objetos, pessoas, plantas, animais e aparelhos e para discutir com outras crianças suas descobertas, assumindo e expressando seus sentimentos. (ANTUNES, 2004, p. 37)

A prática diária nos faz melhores enquanto há troca educativa, entre alunos e professor, sendo que o educador deve estar absolutamente atento às dificuldades apresentadas pelas crianças, para interferir e ajudar nas relações afetivas e cognitivas, conforme complementa Antunes:

Oferece-se apoio especial aos que demonstram dificuldades tanto quanto a realização de experiências, construção de conceitos, comportamento solidário nos jogos, quanto aos que revelam dificuldades específicas ligadas ao afeto, à palavra e ao movimento; (ANTUNES, 2004, p. 38)

No dia anterior ao início do Estágio, conforme planejamento, a Professora titular, entregou para cada aluno um bilhete, com o enunciado: “a história do meu nome”, a ser preenchido pelos familiares, e que daria início às atividades curriculares. Através dessa prática, cada aluno traria para a escola seu primeiro vínculo afetivo, que era o seu nome, a sua identidade, pois a escolha do nome de um filho sempre é ligada à afetividade. Por achar o nome bonito, por ter determinada origem, por homenagear uma pessoa, por ser esta ou aquela pessoa que o sugeriu, enfim, vários são os motivos da escolha de um nome. E parte-se do princípio de que sempre será um bom motivo, um motivo positivo, gerando, então, um início perfeito para tratar da afetividade com os alunos da Educação Infantil, fazê-los perceberem importantes e amados, trazendo isso de casa para a escola, mantendo o vínculo afetivo casa e escola.

A partir das observações sobre as aulas, foram realizadas as reflexões que fizeram parte do planejamento do Estágio, que eram as reflexões diárias e as reflexões semanais.

Ao conversar com os meus alunos do Estágio, crianças de 4 e 5 anos, sobre a identidade, disse a eles que qualquer pessoa, independente da idade, pode ter seu documento de identidade, uma forma de reconhecimento como pessoa, que possui um nome registrado e que por ele é chamado. Com esta identificação estará exercendo sua soberania de cidadão.

Tinha o comprometimento comigo mesmo de desenvolver no aluno um comportamento adequado dentro de uma escola. Creio que a disciplina é primordial para atingir os objetivos traçados. Dizia a eles que temos lugar e hora para brincar. Impunha limites e, ao mesmo tempo, demonstrava meu afeto e compartilhava com eles da alegria de brincar e de aprender, o que nos aproximava e facilitava o entendimento. Não os tratava como soldadinhos de chumbo. Todos os dias, e em todos os momentos que íamos sair da sala, para outros ambientes, sempre os reunia e conversava com eles. Combinamos que sempre sairíamos juntos, sem correr e sem gritar. Explicava que nas outras salas havia colegas estudando e professores dando aula, que merecem respeito. Nesse sentido Freire diz que:

[...] É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, [...]. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento. [...]

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (FREIRE, 1996, p. 53)

Dentro da construção da identidade, trabalhei o “Eu”, com a caixa surpresa (dentro um espelho). Meu objetivo era observar como cada um agiria ao ouvir, que na caixa eles encontrariam algo muito bonito, e que todos gostariam do que veriam, olhando algo especial.

Trabalhei desta forma, por saber que muitos dos alunos não recebem nenhum elogio em casa, mas sim críticas, o que vem a enfatizar seus defeitos e seus erros. Creio que este tipo de exercício me ajudou na atividade, e esperava deles a autoestima elevada, tarefa que não é fácil, mas temos de fazer a nossa parte, como educadores, como já dizia Antunes:

[...] O pensamento criativo, a sociabilidade e a arte de fazer, manter e administrar amizades, a consciência essencial do ser e das coisas, as bases do pensamento lógico, a abertura infinita das inteligências, a plenitude das capacidades cognitivas, emocionais e motoras, o sentido da independência, o verdadeiro espírito de iniciativa, a sensibilidade para identificar, analisar e resolver problemas, a criação de hipóteses, a segurança na expressão de sentimentos e opiniões, o controle do corpo e a imagem positiva de si

mesmo que fundamenta a auto-estima, se constroem nos primeiros anos de vida, com o auxílio de professores preparados e em ambientes seguros. (ANTUNES, 2004, p. 42)

Através da afetividade nos permitimos ter segurança em nossas ações e sentimentos, e muitas vezes, é possível que, somente ao sair do ambiente familiar, as crianças se vejam como realmente são, se vejam como iguais às outras crianças, bem como vão se sentir iguais aos outros, sem inferioridade, sem superioridade. Só iguais. Esse é um importante momento de definição de personalidade, de assumir-se como ser social, sendo que a participação do professor deve ser sensível a esse momento de conhecimento, ou reconhecimento, como bem define Freire:

[...] Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 1996, p. 18)

Dentro da sala eles ficam muito próximos, o mobiliário é adequado para quinze crianças, cada mesinha tem lugar para cinco crianças e é de fácil acesso para outros espaços como o Laboratório de Informática e a biblioteca. Na escola, cada aluno tem, por direito, o espaço de 1m20cm, porém a sala é mínima, sem o espaço adequado. Como a lei diz que a Educação Infantil pertence ao município, o mesmo não a assume. Para sanar o problema, a escola, que é estadual, dispõe esta sala para o município, com a finalidade da manutenção desta turma no turno da manhã.

Como educadora procuro tirar proveito das dificuldades e fazer do pequeno espaço um local agradável, que permita a aproximação das crianças, de forma que se sintam afetivamente confortáveis e solidários.

Os alunos, com frequência têm atividades no pátio, vão sempre ao refeitório, vão à biblioteca, mas raras vezes foram à sala de informática. Não é frequente nem habitual eles nessa sala. Alguns poucos alunos já tinham afinidade com o computador e a grande maioria não. O trabalho consistiu em fazer com eles tivessem contato com o equipamento e descobrissem teclas básicas.

Quanto às atividades no Laboratório de Informática - Labin, notava-se que eles não tinham medo de ousar no computador e que podiam usufruir do prazer de usá-lo e brincar e, ao mesmo tempo, fazendo as suas descobertas.

Na escola, não temos um professor responsável pelo Labin que possa ajudar nas atividades. Então, como são muito pequenos, era de se esperar que eles quisessem brincar e, como nunca trabalhei ali, achamos os joguinhos, mas não conseguimos jogar (por eu não saber como se jogava), e eles ficaram teclando, ou melhor, brincando, porque para muitos era novidade e estavam ansiosos para mexer num computador.

Na atividade de contação de história aos poucos alguns envergonhados começaram a participar, contando sua história também. Esse aprendizado, essa confiança que via crescer neles foi construída aos poucos, de acordo com o potencial e o momento de cada um. Certo dia, depois de uma atividade agitada, para voltar à calma, fizemos uma roda, quando, espontaneamente, cada um contou uma história, sendo ouvido atentamente pelos demais. Observei que no contar histórias um dos alunos usou do sincretismo, misturando fatos reais com imaginários, característica dessa fase da infância. Trabalhamos, nesse momento, o respeito pelo outro, o saber ouvir para depois ser ouvido. Também aproveitamos para conversar sobre ouvir a professora, respeitar o espaço de cada um, bem como respeitar o trabalho e a criação de cada um. Eles participaram das decisões, opinando. Essa atividade resolveu, ou pelo menos amenizou bastante, situações em que alguns alunos estavam apresentando, se negando a ouvir e realizar tarefas, o que me fez pensar em, persistindo, buscar ajuda junta à orientação educacional da Escola, para proporcionar o melhor para as crianças que me foram confiadas. Percebia que a Escola exerce influência positiva no desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças desde tão tenra idade.

Compreender a dinâmica dos conflitos entre as crianças é fundamental para o entendimento do desenvolvimento infantil. Além disto, entendendo quais são os fatores presentes nos episódios de conflito, como os tipos de brinquedos e as brincadeiras utilizadas por elas, melhorará em muito o planejamento das atividades nas pré-escolas, possibilitando um melhor aproveitamento dos recursos materiais e humanos, em última instância aperfeiçoará as condições para que as crianças se desenvolvam plenamente.

Durante o Estágio, percebi que a ludicidade me acompanhou o tempo inteiro na motivação – aprendizagem. Percebo também a minha entrega às atividades, junto com os alunos, brincando com eles, e percebo a importância do brincar para as crianças. As brincadeiras têm o poder de fazer a integração entre os colegas.

A hora do recreio, quando a brincadeira é de livre escolha das crianças, é uma festa para eles, parece ser a melhor hora do dia. Mesmo sendo período para brincadeiras de livre escolha, eles repetem muitas das atividades orientadas, brincam com corda, jogam bola, jogam boliche na quadra. Interessante é vê-los brincar na casinha, imaginando formarem uma família, fazendo de conta que fazem comidinha e se tratando como se realmente formassem uma família, acentuando o vínculo afetivo entre eles, de amizade, respeito e boa convivência.

Após assistirem um filme, ao serem questionados sobre o que viram, respondiam vivamente, agitados e sorrindo. Nesse momento percebi que eles estavam cada vez mais integrados às atividades propostas, num misto de maturidade e de conhecimento, que iam adquirindo nas aulas, aumentando os vínculos afetivos entre eles e comigo.

Outra oportunidade em foi possível perceber o aumento da autoconfiança e a motivação, foi com a atividade em que vestiram fantasias dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo e passearam pela Escola, sendo fotografados junto com as pessoas da Escola e com os colegas. Inicialmente um aluno recusou-se a participar, envergonhado, mas, com o desenrolar dos acontecimentos, ao verem como todos recebiam bem os colegas fantasiados, encorajou-se e participou. Essa atividade permitiu a sociabilização das crianças e uma maior integração dentro do ambiente escolar.

Um dia, na hora do recreio, estavam brigando pela corda. Um aluno pegou a corda e outro começou a puxá-la. O primeiro veio se queixar, dizendo que pegara antes o brinquedo. Então fiz a intervenção, dizendo para o outro menino que a largasse, pois o colega pegou primeiro. Por ter de entregar o brinquedo ele começou a gritar, o fez por alguns segundos, e o deixei gritar. Depois de parar de gritar ele se afastou. Dele nos aproximamos, e falei que poderiam brincar juntos, dividindo a corda, então o colega o convidou e foram brincar juntos. Essa foi a única vez que esse menino agiu assim.

Analisando, à luz dos estudiosos que norteiam este trabalho, um deles, ao se queixar que pegara a corda primeiro, usou de sua capacidade de argumentação e

o outro usou sua capacidade de transmitir emoções ao gritar, tentando impor-se assim. Observei que ele aceitou a argumentação e preferiu juntar-se ao colega para brincar a ficar isolado, sozinho e sem o brinquedo. O ser humano tem a necessidade de socializar-se, e já nessa fase isso transparece. Volta-se à definição de Piaget para o estágio pré-operatório, que é do pensamento intuitivo, onde a criança assimila a nova situação e adapta-se a ela. Nesse momento meu papel como educadora foi importante, resolvendo uma situação de forma a que eles possam, através do diálogo e da compreensão do outro, resolver muitas outras situações em suas vidas, futuramente. |

No planejamento do Estágio havia a atividade da solidariedade em que podemos observar e intervir na hora em que mais de um quer o mesmo brinquedo. Brinca quem pegou o brinquedo primeiro, depois, ele cede para o colega o mesmo brinquedo, assim valorizando a solidariedade, a amizade, e o respeito mútuo no aluno. Essa situação exemplificada acima se encaixou perfeitamente ao proposto e oportunizou um aprendizado, tanto para mim, como educadora, como para os dois meninos, sendo uma prática de afetividade, de reconhecer que o outro também tem direitos, e que o compartilhar é bom.

Também foi possível visualizar características específicas, definidas por Piaget como do 2º estágio, o pré-operatório, como o egocentrismo e a centralização, pois o menino inicialmente queria o brinquedo só para si, tirando-o do outro. A intervenção realizada, como educadora, permitiu às crianças um entendimento entre elas e uma nova dimensão em suas atitudes, de aceitação e de compartilhamento. Houve um aprendizado a partir da vivência e do conflito, determinante para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Brincando as crianças aprendem, como diz Antunes (2004, p. 35), “*não se separa a idéia do brincar da idéia do aprender*” e através das brincadeiras, desenvolvem a lateralidade, principalmente no pátio, e o pensamento lógico-matemático, oportunizando o desenvolvimento da autonomia ao terem de decidir determinadas situações exigidas nas brincadeiras. Através das palavras que surgiam nas conversas diárias, buscávamos no dicionário o significado, assim aumentando nosso vocabulário.

Para que as crianças se sintam seguras afetivamente precisamos proporcionar-lhes a autonomia em determinadas tarefas. Essa era uma das propostas do plano do Estágio, tal como fazer com que passassem a amarrar o

cadarço de seu próprio calçado. Na sala de aula, toda vez que um deles pedia que eu amarrasse os cordões do tênis, eu mostrava como fazer. Em reunião com as mães disse-lhes que poderiam ensinar seus filhos a amarrarem os tênis, para eles serem independentes. Quando um menino, que não sabia amarrar sozinho, aprendeu, outros que já haviam aprendido mostraram e registramos com fotos aquele momento de independência tão significativo para eles e para mim, pois essa aprendizagem aconteceu através do diálogo com os alunos e com a colaboração e participação da família.

Outra forma de desenvolver a autonomia e assim responder sobre suas escolhas é a brincadeira no pátio, pulando com corda e elástico, desenvolvendo a motricidade ampla. Em duplas, desenvolvendo a atividade obtinham a noção de lateralidade. E, ainda com auxílio do elástico, com várias crianças no mesmo elástico, formavam figuras geométricas, distinguindo-as: quadrado, retângulo, triângulo e círculo.

Esta atividade vem de encontro à afirmação: percebemos que não basta aos alunos aprenderem somente a teoria dos conceitos matemáticos sem que associem aos mesmos os significados. É importante o desenvolvimento de atividades matemáticas que direcionem a compreensão do que são figuras ou formas geométricas, quais as idéias que a elas estão relacionadas e sua aplicação prática. Também o compartilhar e o relacionamento afetivo entre eles afloram.

Percebia resistência de algumas crianças com alguns colegas, em determinadas situações como não querer sentar junto, tanto no computador, como na mesinha da sala de aula, ou no refeitório. Frente a isto, intercedia buscando a harmonia entre eles, ressaltando que todos são colegas, e vão crescer juntos, estudar por muitos anos na mesma escola e que devem ser amigos.

Por duas ocasiões, durante o Estágio, tive oportunidade de me deparar com interessantes situações de empatia, manifestadas através de contatos físicos entre as crianças, inclusive beijos. Na primeira ocasião, durante a quinta semana de Estágio, quando muitas das crianças descobriram o gosto pela dança, sempre quando tem música querem dançar, e já tem o seu par preferido. A isto chamamos de empatia, já demonstram suas preferências. Um dos pares se beijou no rosto quando começou a dançar e um colega achou errado, me contando. Então perguntei para os dois se realmente haviam dado um beijo e questionei o motivo, eles me

disseram que se beijaram por que são amigos. Então, naturalmente, na frente do colega, ressaltai que os amigos podem beijar no rosto.

Em outra oportunidade, no recreio, estava sentada à sombra do cinamomo, achei bem interessante o que aconteceu. Estava distraída, quando olhei para uma aluna que conversava com um coleguinha, ela disse para ele que eu estava escutando, pois bem na hora em que prestei atenção neles, ela também olhou para mim. Isto me deixou curiosa por saber algo que parecia que eu não devia escutar. Perguntei o que estavam conversando e ela, na sua ingenuidade, própria da idade, contou-me que um aluno que estava fazendo educação física, seu amigo, a beijou no pescoço, e ela no rosto dele. Acredito que, sem querer, ela deve ter se mexido, e o beijo aconteceu no pescoço, e não no rosto. Então aconselhei, de forma tranquila e natural, que, se isso se repetisse, pedisse a ele que beijasse na bochecha e não no pescoço. Também observei que ela acha que o pescoço é lugar errado de beijar e que eu não devia ter percebido sua conversa com o colega, talvez por achar que a repreenderia. Acredito ter feito o correto neste diálogo.

O ser humano traz consigo, ao nascer, sentimentos, que podem ser bons ou maus, cabendo aos pais, com quem há as primeiras interações, e às pessoas do seu convívio, trabalhar estes sentimentos. Para Piaget a atividade de conhecer se dá a partir do indivíduo, do meio e do objeto. Pino (1997, p. 6), ao discorrer sobre os processos cognitivos, defende que o conhecer humano é uma atividade que pressupõe uma relação que “envolve três elementos, não apenas dois: o sujeito que conhece, a coisa a conhecer e o elemento mediador que torna possível o conhecimento”, sendo a interação sujeito, sujeito e objeto. Esse raciocínio engloba três elementos (sujeito, sujeito, objeto). Para que a criança (sujeito) tenha contato e conhecimento do objeto há a necessidade de outro sujeito, pessoa essa que pode ser mãe, pai, professor, que atuará como elemento mediador, permitindo a identificação do objeto, pela criança, passando este a fazer parte de seu mundo cognitivo. Na medida em que essa criança passa a interagir com outros sujeitos, outras crianças, professores, seus conhecimentos do mundo se ampliam. A interação com outros sujeitos permite a troca de informações, o despertar da curiosidade e da dúvida, que levam à busca cada vez maior do conhecimento.

Durante uma atividade com massinha de modelar, feita por nós, chegou a parte tão esperada: colorir a massa. Ao mesmo tempo em que desenvolvem a coordenação motora, desenvolvem a criatividade. Eles percebem que através das

misturas de tintas surgem novas cores. Com as massinhas coloridas no dia anterior, pedi a atenção de todos, pois ia misturar mais um pouco e distribuir um pedaço para cada um para poderem criar o que quisessem. Comecei manusear, porém a massa, por ter sido feita um dia antes, amoleceu, grudando nas mãos e foi difícil desgrudá-la. Tornou-se uma festa, começamos a rir, pois não conseguia desgrudar. Pedi a opinião deles de como tirar a massa das minhas mãos. Cada um sugeriu algo. Pedi ajuda, para que todos tirassem um pouco de massa das minhas mãos. Então todos puderam ter a mesma experiência que eu estava vivenciando, uma mão grudava na outra e a mão de um grudava na do outro. Percebi o quanto eles podem ser cooperativos. Uma situação de suma importância no cotidiano, os diferenciando de uma sociedade frequentemente egoísta.

Não estava no plano de aula, mas a atividade foi muito importante porque através dela trocamos experiências, interagindo. Foi uma diversão e foi um aprendizado a partir de uma vivência. Podemos concluir que através desta atividade e da interação entre, sujeito, sujeito e objeto criou-se elo, e desta forma existe afetividade. E, como dizia Piaget: “O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problema”.

Ao ler e estudar Wallon, Piaget e Vygotsky, sobre a aprendizagem e a afetividade este sentimento fica visível, e ao se observar as crianças fica concreto. Posso citar como exemplo minha sobrinha neta que, aos 9 meses, está no estágio sensório-motor e percebe-se seu aprendizado. Quando se faz alguma brincadeira, que ela acha engraçado, ela dá gargalhadas espontâneas, com a continuação da brincadeira, depois de certo tempo, ela já não consegue rir, já não acha graça, então força uma risada, pois desta maneira ela sabe que está agradando. É desta forma, nota-se, que expressa a sua afetividade.

Acredito, pela minha vivência, que quando os alunos se iniciam na Educação Infantil, ou no primeiro ano, têm professores que realmente querem fazer a diferença. E fazem. Este professor trabalha com crianças de forma competente, o aluno consegue avançar. Existe um cuidado em dar às turmas de séries iniciais professores carinhosos, dedicados, pacientes, pois é a fase de transição entre a vida familiar e a longa vida escolar. Mas o fato de se buscar professores dedicados e carinhosos não dispensa a devida capacitação para a Educação Infantil, não se dispensa professores preparados e capacitados.

Quando as crianças, ao trocarem de série, trocam de professor, e este professor é aquele que só trabalha em troca de salário, elas fazem o que bem querem dentro da sala de aula, podem se arrastar pela sala, enquanto o professor tenta ensinar, pois para ele é simplesmente um “bico”, falta-lhe a vocação. Nota-se que não impõe limites por que lhe falta amor, tanto à profissão quanto às crianças envolvidas. Quem ama impõe limites, que é uma forma afetiva de dizer “eu te amo e por isso me importo contigo”. A atitude do professor reflete na atitude do aluno, cada palavra e cada gesto são significativos, no que Freire assim se manifesta:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. [...] (FREIRE, 1996, p. 19)

Alguns pais têm muito interesse, outros fazem da escola uma creche ao mandarem seus filhos quando querem, de acordo com seus interesses, não se importando se a criança está gostando de ir à escola, os quais demonstram na saída da escola, pois nunca querem ir embora.

Sabe-se que os pais precisam trabalhar, que são várias as formas de composição das famílias e que as crianças ficam mais tempo na escola, ingressam mais cedo. E ficam a cargo do professor muitas responsabilidades que eram dos pais, mas transferidas por necessidades imperativas, passando a escola a ter uma responsabilidade social cada vez maior, sem estar se preparando para tal.

Todo o trabalho realizado com as crianças na escola, especialmente na Educação Infantil, deve ter a participação da família, ou, pelo menos, o seu conhecimento. O que é construído ou desenvolvido na escola deve ter continuidade em casa. É preciso essa conexão! A criança deve ser exigida em sua inteligência cognitiva em todos os momentos, deve ser orientada, elogiada, permitindo um completo desabrochar de aptidões, crescendo em conhecimentos, que devem ser compartilhados na escola e em casa. Também cabe à família a responsabilidade de fazer com que a criança tenha acesso a jogos, brincadeiras, livros, materiais que incentivem sua inteligência.

Sobre a “ligação” da escola e família, vejamos o que escreveu Paulo Freire (1996): “por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares

fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”, avançando além da escola e da família, até a comunidade.

Desenvolvi o Estágio trabalhando de acordo com a Arquitetura Pedagógica relativa ao pré-escolar, utilizando estratégias que motivassem o aluno a dar seguimento aos seus aprendizados, como, por exemplo, contatos com o Laboratório de Informática – Labin; desenvolvimento da motricidade fina e ampla; contação de história; apresentação de filmes; ouvir e cantar músicas; aprendendo a dançar; atividades no pátio; encontros com amigos, colegas e familiares em datas festivas.

Foi fundamental o Estágio quando então pude perceber a minha prática com olhar de professora. A maior preocupação foi sempre a construção da aprendizagem de meus aluninhos, pois sabia que eles eram, ao mesmo tempo, instrumentos na construção do meu saber.

E tenho plena consciência das dificuldades das crianças, pois eu também as tenho. A construção deste trabalho é um desafio para mim e estou me revelando, estou mostrando minhas deficiências, que busco superar, estou mostrando minha capacidade de aprender e construir algo novo para mim, estou aberta ao aprendizado, a novos conhecimentos, e, ao mesmo tempo, estou sendo monitorada, avaliada, criticada, direcionada, da mesma forma que uma criança durante sua vida escolar.

Assim como vi progressos nas crianças, em seus relacionamentos e afetividades, conquistando conhecimentos, pela experimentação, pela busca, pela curiosidade, pela troca de um com outro, ou de uns com outros, também assim eu me vejo, conquistando conhecimentos através de relacionamentos que me direcionam e deixando aflorar minha afetividade, desenvolvendo e concluindo este TCC. Sei da minha responsabilidade, junto às crianças que venha a atender, como educadora, é por em prática os ensinamentos que tive e ainda tenho por conquistar, de forma madura, agindo conscientemente, como profissional, dentro de um plano de trabalho, mas sendo flexível no planejamento desse plano, de forma a contemplar os anseios e expectativas das crianças pelas quais venha a ser responsável.

Temos tantas responsabilidades em relação a vidas tão frágeis e tão significativas, que chega a ser assustador, pois em mãos de professores, nem sempre educadores, as crianças são deixadas, muitos locais se aproximam de depósitos de crianças, atendidas por pessoas sem a devida capacitação ou, até, sem nenhuma capacitação.

E não se questiona a educação convencional, onde a Educação Infantil é só recreação, por ser considerado muito cedo para aprender, nem se busca, como se deveria, a educação integral, priorizando a aprendizagem. Essa educação integral que se fala não é, necessariamente a de dois turnos, mas ao atendimento integral às necessidades físicas, psicológicas e mentais das crianças.

Reporto-me, também, ao que diz Paulo Freire:

[...] Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem. Desrespeitando como gente no desprezo a que é relegada a prática pedagógica não tenho por que desamá-la e aos educandos. (FREIRE, 1996, p. 27)

Traçar objetivos que viessem de encontro à arquitetura pedagógica e realizar atividades para atingir os objetivos, não me foi difícil, porque a faixa etária pré-silábica nos oportuniza uma série de atividades lúdicas que colaboram harmoniosamente com o cotidiano com os quais os alunos se deparam. E é preciso dar-se conta de que tudo na vida é um aprendizado: para atravessar uma rua com atenção é necessário ter noção de direita e esquerda, estar atento ao som (motor dos carros); para dar as mãos, sem restrições, é preciso considerar o eu e o outro e assim interagir com o mundo à sua volta; para adquirir autonomia é preciso dar-lhes segurança quando pulam corda, sobem escada, recortam, pintam, escolhem desenhos, e optam por cores.

No decorrer do Estágio, conforme planejado, fizemos um passeio, da escola até a casa de alguns alunos que moram perto. Com este passeio conseguimos nos socializar, interagindo no meio em que vivemos.

Na ida e na volta, conversamos sobre os perigos que a rua oferece. Dividimos a turma em dois grupos, um com a professora e outro comigo, a estagiária, salientando que devemos olhar para a esquerda e direita, averiguando se não está vindo carro de nenhum dos lados. Este passeio foi muito importante para todos, destacando a responsabilidade de cada um ao atravessar uma rua, ao salientarmos que devemos ter cuidado e olhar para todos os lados e assim desenvolvendo neles a lateralidade.

As boas maneiras foram desenvolvidas em todo o passeio, pois se comportaram bem, exceto uma menina que não queria dar a mão para um menino, dizendo que não gostava dele. Ela é uma criança, com dificuldades de relacionamento com as pessoas em geral. E, através desse passeio, vimos a possibilidade de ajudá-la na construção da socialização do “Eu e o outro” com a troca de pares.

Através da caminhada nosso objetivo foi o de desenvolver a motricidade ampla, assim como através dos desenhos desenvolviam a habilidade com as mãos, a motricidade fina.

Através da ida até a casa dos colegas, desenvolvemos a autoestima, pois ela é muito importante para cada um. Eles ficaram felizes ao mostrar a sua casa. Ao passarmos por alguém, eles cumprimentavam principalmente os que moravam perto e já eram conhecidos seus. De volta à sala conversamos sobre o que eles haviam visto pelo caminho. Viram o pônei de um colega, e todos queriam montar e tocar com as mãos. O dar-se as mãos, o contato com outro ambiente, o tocar o animal, o conhecer a vivência do outro, além da atividade escolar, propicia o desenvolvimento da afetividade, objetivo deste trabalho. Assim como as brincadeiras, os passeios têm o poder de fazer a integração entre os colegas.

Durante o passeio foi possível situar as crianças em relação ao local onde vivem. Sabendo que os colegas moram em casas como as suas, que muitas ruas são iguais, mas há pontos de referência que as diferenciam, passaram a ter a noção de que cada criança percorre um determinado caminho para chegar à escola. Observei que a localização, em termos físicos, proporciona a criança uma segurança emocional.

Além de seguir o planejamento, e os objetivos do mesmo, é preciso estar atento aos alunos, pois a dinâmica evolutiva do processo educativo deve ser ditada pelas crianças, respondendo aos anseios, questionamentos e avanços que apresentem, bem como às novidades ou alternativas, que não podem passar despercebidas, nem serem desconsideradas as suas vivências, pois cada um traz consigo uma bagagem própria. E, nessa fase da Educação Infantil, devem interagir de forma a construir o conhecimento e o desenvolvimento afetivo e intelectual.

A missão do educador é árdua, devendo ser encarada com muita responsabilidade, preparo e um constante reciclar, um constante atualizar-se, através de leituras, estudos, cursos, vivências, trocas de experiências, ouvir o outro,

tanto colegas, alunos, como estudiosos. Nada está pronto, tudo está em transformação e em evolução. E o ser humano é a essência, é a razão de ser. E as relações afetivas são inerentes aos seres humanos, sem as quais seríamos simplesmente animais e não racionais.

CONCLUSÕES

Na Educação Infantil lidamos com crianças de 4 a 6 anos de idade, então devemos repetir as orientações para certas normas comportamentais, para transmitir valores, e sermos persistentes, nunca desistindo, pois eles precisam ouvir muito, e muitas vezes, até que haja a aprendizagem de acordo com a evolução de cada criança. E isso deve acontecer de forma natural, dentro das ocorrências diárias, propiciando a aprendizagem que permita o desenvolvimento da afetividade e da inteligência cognitiva. Também devemos oportunizar que eles realizem suas próprias descobertas e as troquem entre si.

Tudo era novidade, enquanto professora, porque nunca estivera em sala de aula. Fiquei muito feliz pelas pequenas conquistas alcançadas, junto aos meus primeiros alunos da Educação Infantil. Sem prática de sala de aula e achando o Estágio meio difícil no início, quando assumi a turma, foi gratificante vivenciar o que aprendi durante o curso e crescer juntos com os alunos.

A construção de minha identidade como professora foi difícil, em muitos momentos pensei que não conseguiria. A afetividade que encontrei naqueles que me ajudaram, me orientaram, me direcionaram, foi decisiva para meu sucesso e para a conclusão dessa missão. Descobri que ser educadora é estar em constante processo de formação, nunca estamos prontos, pois sempre há o que aprender, e, para isso, lemos, buscamos informações, estudamos, acompanhamos o desenvolvimento tecnológico, mas sem jamais esquecer que o ser humano é a prioridade do processo educativo.

Todas as minhas dificuldades tinham correlação com as dificuldades de meus pequeninos alunos, de 4 e 5 anos, pois estávamos explorando um mundo novo e buscando conhecimento. E o desconhecido assusta e nos deixa inseguros. Mas quando temos a certeza de sermos amparados, de termos relação afetiva com pessoas que querem nos auxiliar a construir uma nova realidade, vislumbramos um novo horizonte, para onde nos dirigimos. E temos a certeza de caminharmos na direção certa, enfrentando desafios e problemas, convivendo com o outro e com as diferenças de forma cooperativa, oportunizando a aquisição de uma bagagem educacional-cultural socializante para a nossa formação como cidadão.

Creio que ao proporcionar atividades de interação em que um colega necessite do outro, durante as práticas pedagógicas, por exemplo, através da ludicidade, das brincadeiras, veremos ao mesmo tempo a possibilidade de ajudá-lo na construção da socialização do “eu e o outro”.

Tudo que passamos juntos, alunos e professora, foi uma aprendizagem de ambos os lados. Aconteceram muitos desafios tanto para mim, professora estagiária, como para eles, que estavam no mesmo espaço que eu, porém em posições diferentes de poder, mas privilegiando a democratização em que os alunos podiam exercer a autonomia vivenciando os desafios que a aprendizagem requer, com motivação e afetividade.

A afetividade, na Educação Infantil, é o somatório de todas as relações que envolvem a criança: dela com as outras crianças, das outras crianças com ela, dela com os professores, dos professores com ela, dela com seus familiares, de seus familiares com ela, dela com ela mesma e com tudo que a cerca.

Ano a ano, é impactante para o aluno a transformação do seu ambiente escolar. Muitos alunos se adaptam bem às mudanças. Outros se retraem e até se anulam. Cada professor tem uma forma de agir, de exigir, de ensinar, e a criança precisa ser bem preparada para essa mudança de forma de aprendizado e ser sempre acolhida na nova ambientação. E, para tanto, o papel dos professores é fundamental, o preparo dos professores é essencial. O professor precisa estar motivado, envolvido emocionalmente, afetivamente.

Acredito, pela minha vivência, que quando os alunos se iniciam na Educação Infantil, têm professores que realmente querem fazer a diferença. E fazem. Este professor trabalha com crianças por vocação, o aluno consegue avançar. Existe um cuidado em dar às turmas de séries iniciais professores carinhosos, dedicados, pacientes, pois é a fase de transição entre a vida familiar e a longa vida escolar.

Quando as crianças, ao trocarem de série, trocam de professor, e este professor é aquele que só trabalha em troca de salário, fazem o que bem querem dentro da sala de aula, podem se arrastar pela sala, enquanto o professor tenta ensinar, pois para ele é simplesmente um “bico”, falta-lhe a vocação. Nota-se que não impõe limites por que lhe falta amor, tanto à profissão quanto às crianças envolvidas. Quem ama impõe limites, que é uma forma afetiva de dizer “eu te amo e por isso me importo com você”.

O Curso de Pedagogia me abriu as portas para o aprendizado, assim como a Educação Infantil abre as portas para as crianças. Assim como as crianças, encontrei um mundo novo, estou fazendo descobertas, estou em processo de formação.

Assim como as crianças da Educação Infantil tenho anseios e dúvidas, mas, também como elas, não tenho medo de errar e corrigir, de perguntar, de aprender, de construir e de buscar o conhecimento, de orientar-me com quem sabe e está qualificado para isso, pedir conselhos, agradecer intervenções, reagir a comentários, mudar posturas, enfim, estou achando “prazeroso” me permitir essa transformação pela qual estou passando, entrando no mundo de estudiosos como Jean Piaget, Paulo Freire, Celso Antunes e outros, que nos desvendam mistérios humanos e, independente das práticas educacionais, passam a fazer parte de nossas vidas.

De todas as leituras e estudos realizados, tira-se uma certeza: é preciso que o professor/educador esteja preparado, capacitado, para bem atender aos alunos/educandos, com constante atualização, tendo prazer em realizar seu trabalho e envolvendo-se completamente com a classe, da qual deve ser o mediador, para que o educando se aproprie do saber e conviva emocionalmente com seus semelhantes, através de trocas afetivas e conquistas intelectuais.

Também a escola deve apresentar boas propostas pedagógicas e disciplinares, onde haja regulamentos, regras de conduta e um bom programa pedagógico a seguir, podendo o professor, capacitado e bem preparado, se adaptar e adaptar ações e oportunidades para melhorar o ambiente escolar, oferecendo o melhor de si e da escola para os alunos.

O professor ideal? O moderador, o motivador, que compartilha, orienta, escuta, olha com afeto, determina limites, transmite valores, está disponível para colaborar, criar, ampliar, inovar.

A escola ideal? A extensão da casa de cada aluno, de cada professor, de cada funcionário. Local onde todos se sintam seguros, construindo saberes e futuros, onde convivem diferentes pessoas em igualdade. Enfim, um santuário do saber e do conhecimento. É nisso que acredito e que quero me inserir.

Não sou a mesma pessoa que iniciou o Curso de Pedagogia. Agreguei valores a minha vida. Isso me faz uma pessoa melhor. Isso faz o mundo melhor. E me orgulho de ter me dedicado, de ter lido, estudado, questionado, escrito. E este é

o resultado que quero compartilhar com as pessoas que me auxiliaram, me apoiaram, me orientaram, me tutelaram.

O que me tranquiliza em relação aos conhecimentos que alcancei e quanto aos que ainda me faltam é que a educação é isso, um permanente aprendizado, um constante construir e desconstruir, para construir novamente. E a construção do saber será sempre melhor se compartilhada.

Com a preocupação da aprendizagem da criança nas séries iniciais, vamos buscar alguma coisa sobre a personalidade, como ela acontece em cada ser humano. Já nascemos com parte dela. Trazemos na genética, herdamos de nossos pais, tanto fisicamente como psicologicamente, e mudamos de acordo com a interação no meio em que vivemos. Concluindo, então, que a escola tem papel fundamental, na construção deste sujeito, na complementação de sua personalidade.

E, para finalizar, mas não encerrar, este estudo, destaco a frase de Nelson Mandela: "A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo".

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de, MAHONEY, Abigail Alvarenga (org.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. 6ª ed. 2006. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional. Novas estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Educação infantil, prioridade imprescindível**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FEIJÓ, Caio. **Preparando os alunos para a vida**. São Paulo: Novo Século, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FLAVELL, John. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1996.

_____. **Instituto Paulo Freire**. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/>. Acesso em: 14 set. 2010.

KESSELRING, Thomas. **Os quatro níveis do conhecimento em Jean Piaget**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre: v.15, n.1, p.3-22, jan/jun. 1990.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Sempre fui um educador**. Disponível em: <www.educacionista.org.br/jornal>. Acesso em: 15 set. 2010.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MENEZES, N.S.A.; MACHADO, D. S. (orgs). **Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos**: dissertações, teses, TCC de Pedagogia, TCE de Especialização. Porto Alegre: UFRGS/FACED/BSE; 2008. 24 Fl.

MONTANGERO, Jacques e MAURICE-NAVILLE, Danielle. **Piaget ou a inteligência em evolução**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PIAGET, Jean (1977). **O juízo moral na criança**. (Elzon Lenardon, Trad.). São Paulo: Mestre Jou, (Trabalho original publicado em 1932).

_____. **Os estádios de desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente**. In: LEITE, D. M. O desenvolvimento da criança. Atualidades Pedagógicas, col.109. São Paulo: EDUSP, 1972.

_____. Disponível em: <www.suapesquisa.com/piaget>. Acesso em: 14 set. 2010.

PONTES, F.A.R. **Levantamento por observação das atividades exercidas pelas crianças em ambiente externo e escolar com vista a subsidiar a elaboração do currículo e das atividades de uma pré-escola comunitária**. Trabalho de conclusão de curso de bacharelado em Psicologia; Universidade Federal do Pará. 1986.

SEBER, Maria da Glória. **Piaget, o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.

TAILLE, Yves de La; Oliveira, Martha Kohl de; Dantas, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. (Trad. Claudia Berliner). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GLOSSÁRIO

Anomia – ausência de leis, de regras ou de normas de organização.

Autonomia – faculdade de se governar por si mesmo.

Cognitivo – conhecimento, percepção.

Empatia – tendência para sentir o que se sentiria caso se estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa.

Heteronomia – condição de pessoa ou de grupo que recebe de um elemento que lhe é exterior, ou de um princípio estranho à razão, a lei a que se deve submeter.

Sincretismo – 1. (filosofia) Reunião artificial de idéias ou de teses de origens disparatadas. 2. (filosofia) Visão de conjunto, confusa, de uma totalidade complexa. 3. Fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários. 4. (psicologia) Percepção global e indistinta, da qual surgem, depois, objetos distintamente percebidos.